

UM FRAGMENTO TARDO-MEDIEVAL PORTUGUÊS  
DAS *COLAÇÕES* DE JOÃO CASSIANO<sup>1</sup>  
A LATE MEDIEVAL PORTUGUESE FRAGMENT  
OF CASSIAN'S *COLLATIONES*

João Dionísio (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Professor Associado)<sup>2</sup>

Vânia Carvalheiro (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Estudante de Mestrado)<sup>3</sup>

Mariana Castro (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Estudante de Licenciatura)<sup>4</sup>

Resumo: este artigo apresenta o confronto entre as partes comuns de dois manuscritos quatrocentistas que transmitem em língua portuguesa uma porção da obra mais importante de João Cassiano (c.360-c.435), as *Colações*. Um dos manuscritos pertence ao fundo de códices alcobacenses guardado na Biblioteca Nacional de Portugal (Alc. 386); o outro é um fragmento pertencente à biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. Os resultados da comparação, que se baseia numa transcrição conservadora, permitem reflectir sobre se cada códice veicula uma tradução própria ou uma tradução partilhada, embora com diferenças. Esta reflexão é desenvolvida de acordo com o conhecimento estabelecido acerca da margem de manobra de que dispunha o copista medieval.

Palavras-chave: cópia medieval; tradução medieval; João Cassiano.

*Abstract:* this article presents a comparison between the common text of two 15<sup>th</sup> century manuscripts that contain a part of John Cassian's *Collationes*, the most important work by this author. One of the manuscripts is kept at the National Library of Portugal (Alc. 386); the other is a fragment that belongs to the National Museum of Archeology, in Lisbon. The results of such comparison, based on a conservative transcription, enable the observer to reflect upon whether each document witness conveys its own translation or both contain a common translation (despite bearing some variation). This analysis is developed according to state-of-the-art knowledge about innovations made by medieval scribes.

*Keywords:* medieval copy; medieval translation; John Cassian.

A difusão no Portugal medievo da obra de João Cassiano (c.360-c.435) é desde cedo fomentada pelo reconhecimento da sua autoridade num texto fundador como a *Regra de S. Bento* e, já no séc. XV, pelo papel daquele Padre da Igreja para a renovação da espiritualidade, tanto em ambiente monástico como nos círculos da família real (em particular

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00214/2020. Agradecemos à Dra. Livia Cristina Coito, bibliotecária do Museu Nacional de Arqueologia, a possibilidade de consultar o manuscrito fragmentário de que se ocupa este artigo. Servimo-nos da norma ortográfica do Português europeu anterior ao AO90.

<sup>2</sup> [joaodionisio@campus.ul.pt](mailto:joaodionisio@campus.ul.pt) Professor de Crítica Textual e de Literatura Portuguesa, investigador no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. <https://orcid.org/0000-0002-5211-0290>.

<sup>3</sup> [vania.mendes@edu.ulisboa.pt](mailto:vania.mendes@edu.ulisboa.pt) Mestranda em Crítica Textual, licenciada em Línguas Literaturas e Culturas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <https://orcid.org/0000-0002-5958-3568>.

<sup>4</sup> [castrom@edu.ulisboa.pt](mailto:castrom@edu.ulisboa.pt) Licencianda em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; entre outros, as suas áreas de interesse incluem Filologia e Psicolinguística (em especial, Aquisição da Linguagem). <https://orcid.org/0000-0002-4586-0704>.

na geração descendente de D. João I). De facto, no contexto do monaquismo medieval, a *Regra beneditina* convoca Cassiano na qualidade de referência reguladora, conforme pode ser visto em passos como: «E poys que assi he.nõ seja leixada a obra de deus por cousa nehũa que seja.mas assy como diz cassiano. A estas oracões ehoras tanto que for ouuido o sãõ do signo.con tanta trigança eaguça deue o monge hyr» (Alc. 73, coord. Castro: 36). Já no âmbito da aristocracia régia quatrocentista, é enquanto dinamizador da meditação que Cassiano suscita o interesse de individualidades como D. Duarte, D. Fernando ou D. Isabel, todos eles filhos do fundador da dinastia de Avis.

É sabido que as traduções portuguesas da obra de Cassiano foram promovidas em ambiente monástico, no mosteiro de Alcobaça, mas também na corte régia, em resultado de iniciativas de D. Duarte, ainda infante, e levadas a cabo pelo próprio. Não se conhecendo exactamente a extensão do texto traduzido resultante destas iniciativas, é seguro afirmar que em Alcobaça circularam traduções eduardinas de alguns passos do *De Institutis Coenobiorum* (Dionísio 2000; Rico 2011) e que a obra maior de Cassiano foi vertida para português em dois estilos muito diferentes, um patente no Alc. 385, o outro no Alc. 386 (Dionísio 2000). Embora apresentem algumas características codicológicas semelhantes, e apesar de o texto que cada um deles acolhe (I-VII, no Alc. 385, VIII-XVII, no Alc. 386) ser diferente, é possível evidenciar que veiculam programas tradutórios autónomos através de uma comparação de breves passos comuns, designadamente citações bíblicas. Mesmo descontando a circunstância de o texto bíblico ser facilmente apropriável de modo individualizado, o que ocasiona intensa variação nas citações e alusões bíblicas patentes em obras medievais, um confronto simples permite comprovar a existência daqueles dois programas nos Alcs. 385 e 386. O texto veiculado por aquele é mais tendente à ampliação, acolhendo até a glosa de propósito esclarecedor em vários momentos, ao passo que este contém uma tradução mais contida e um tanto literalizante. Tendo a comparação pertinente sido efectuada noutra lugar (Dionísio 2011), bastará aqui recuperar um caso especialmente ilustrativo. Trata-se do modo como a Carta aos Efésios 6, 12 se acha apropriada na *Colação* V, 16, no Alc. 385 e, por contraste, na *Colação* VIII, 2, transmitida pelo Alc. 386:

<b>Eph 6, 12</b>	<b>V, 16 (Alc. 385)</b>	<b>VIII, 2 (Alc. 386)</b>
Non est nobis conluctatio aduersus carnem et sanguinem, sed aduersus principatus, aduersus potestates, aduersus mundi rectores tenebrarum harum, contra spiritalia nequitiae in caelestibus	Nom avemos de lydar tam solamente contra a carne e contra o sangue <i>nem contra os pecados carnaaes dela</i> , mays, <i>aalê daquesto</i> , <i>avemos de lidar</i> contra os poderios, contra os senhores deste múdo e cõtra os regedores daquestas treevas do	Nom he a nossa batalha contra a carne e contra o sange, mas contra os princepes e contra as potestades e contra os rectores do mundo e de aquestas treevas e contra as maldades spirituaaes ã no ceo

	mũdo, <i>convê a saber</i> , contra as sustancias spirituaaes que som maas e de maldade, que soyam morar nos paaços celestiaaes da gloria do parayso	
--	--	--

Ficando evidenciada a maneira como o programa tradutório do Alc. 385 se apoia numa estratégia que combina transposição e comentário (aqui marcado através de itálico), diferentemente do que sucede na outra versão, interessa ver de que modo o nosso conhecimento acerca da difusão portuguesa das *Colaçoões* de Cassiano na Idade Média tardia é alterado pelos testemunhos que têm vindo a ser arrolados recentemente pela BITAGAP (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, cf. Askins *et al.*). Vejamos na tabela seguinte os manuscritos conhecidos das *Colaçoões*, e o respectivo conteúdo, de acordo com este instrumento fundamental:

N.º do testemunho segundo Bitagap	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Instituição, cota	BNP Alc.420	ANTT Frags. Cx 21, n.18	ANTT Frags. Cx 21, n.19	ANTT Frags Cx 21, n.2	BNP Alc.384	BNP Alc.386	BNP Alc.385	MNA P/IL, Cx. 3/ p. 11/ fr.	BNF Ms. Portugais 5	BNF Ms. Portugais 5	BNP Alc.213
Conteúdo	3	21	13,14	24	18	8-17	1-7	10	20	6	1

Legenda: Alc. = alcobacense; ANTT = Arquivo Nacional da Torre do Tombo; BNF = Bibliothèque Nationale de France; BNP = Biblioteca Nacional de Portugal; Cx = Caixa; Frags.= Fragmentos; MNA – Museu Nacional de Arqueologia. A última linha identifica as colaçoões transmitidas, mesmo que parcialmente, por cada manuscrito.

Como se vê pela tabela, é hoje possível proceder à comparação entre o texto português constante de alguns fragmentos e o que é transmitido por algum dos códices alcobacenses que aparentemente se mantêm íntegros. Assim, note-se que é viável confrontarmos a versão da *Colaçoão* 6, tal como se encontra em BNF Portugais 5, e a parte correspondente do Alc.385. Mas, talvez mais importante, na medida em que os termos de comparação correspondem a texto de Cassiano (e não a uma obra que o cita, ainda que extensamente, como sucede no códice da BNF), interessa dar atenção à possibilidade de compararmos os fragmentos 3, 8 e 11, por um lado, e o texto coincidente na versão transmitida pelo Alc. 386.

Este artigo centra-se num destes confrontos, estando centrado no manuscrito fragmentário registado na base da BITAGAP em 2016, que pertence ao Museu Nacional de

Arqueologia, em Lisboa <sup>5</sup>. Trata-se de um único fólio muito danificado por um corte que atravessa toda a altura do suporte, atingindo de maneira desigual uma das duas colunas pelas quais se distribui o texto. O fólio terá sido aparentemente reciclado para servir de cobertura ou capa, tendo sofrido desgaste de tinta em vários lugares. Apresenta várias anotações posteriores<sup>6</sup>, transcritas por Leite de Vasconcelos, que assinala ter sido este fólio encontrado na Igreja de S. Pedro de Óbidos (a cerca de 40 km de Alcobaça). Justificando o testemunho um estudo codicológico e uma análise detida das anotações, que não serão realizados nesta ocasião, o presente artigo presta-lhe atenção na medida em que ele permite a comparação directa entre testemunhos que veiculam a mesma parte da obra de Cassiano: a *Colação X*, desde o fim do capítulo 11 até ao fim do capítulo 13 (cf. Petschenig/Kreuz 2004: 305-307). Esta última circunstância fornece as bases necessárias para se responder a perguntas como: trata-se da mesma versão portuguesa com desvios típicos de transmissão? Ou consiste a versão transmitida pelo testemunho do Museu Nacional de Arqueologia numa tradução alternativa à que era conhecida?

Para uma tentativa de resposta a este par de questões, reproduzimos de seguida em transcrição conservadora o texto das *Colações* de Cassiano comum ao manuscrito fragmentário e ao Alc. 386. Seguimos maioritariamente as normas de transcrição do projecto *Corpus de Textos Antigos* (Sobral coord.), embora não forneçamos uma descrição em nota dos acidentes materiais, representados aqui por [...] independentemente da maior ou menor extensão do texto afectado. Para facilitar a leitura do comentário breve que vem depois da transcrição, dividimos o texto em cláusulas numeradas. De resto, procurámos respeitar estas normas:

1. As palavras são transcritas juntas ou separadas segundo a norma actual. As enclíticas serão separadas sem hífen.
2. As abreviaturas são desenvolvidas e assinaladas a itálico. O sinal tironiano é representado por *e*, sem itálico.
3. É reproduzido o til sobre vogais.
4. Erros de cópia não são corrigidos no corpo do texto.

---

<sup>5</sup> O fragmento foi localizado por Pedro Pinto (2016-08-04) e identificado por Filipe Alves Moreira (2016-08-05).

<sup>6</sup> Estas transcrições constam de uma folha de papel pardo que cobre o fólio.

**M.N. Arqueologia P/IL, Cx. 3/ p. 11/ fr.**

**BNP, Alc. 386**

1a/ **1** [...]ynal prouidencia. e o que [...]a ho enmijgo com seus [...]o *que* leixamos por nosso es[...]o. e o *que* nos uem da fraque [...]al. e os enganos em *que* [...]r mÿgua de saber. **2** Ca [...] entendimêtos acharemos<sup>7</sup> [...]nos salmos. por *que* conho[...]ys afficadamente todas [...] *que* ueherê assy como quẽ [...]es em hũu espelho muy [...] **3** [...] assy enssynados per dese[...]es. apalparemos aquellas [...] assy como ouuydas. [...] como uistas. E pati l [...] desejo dentro do coração. **4** [...]omo encomendadas [ ]a. mays assy como [...]n na naturareza das [...] trespassemos os senty[...]om por texto de liçom. [...]ua ante uista. **5** E estõ[...]a uijra a nossa uõota[...]a e entegridade de a[...]da *qual* segundo nos *deus* [...]allamos enno traut[...]ollaçõ. **6** a *qual* nõ tan soo[...]mbarga per uista de nẽ[...] mays nõ sse pode dizer [...] nẽ de pallaura. **7** E /1b/ esta oraçõ [...] com entençom entendida d[...]ade. E com sobrepoiamêto de coração que sse nõ pode fallar. e com comprida alegria do *spiritu*. **8** E a uõõtade *que* este fora de todos os sentidos. e de todas as materias *que* sse uẽẽ e enuya la a *deus* com gimydos e cõ sospiros *que* sse nõ podẽ contar.

**9** **Capítulo .xijº. da pergunta per que maneyra se podẽ reter os penssamêtos spirituaaes**

**10** Bem entendemos disse germano *que* nom tã soomête a fforma da *spiritual* disciplina *que* te demandamos. mays toda a *perfeyçõ* declaraste muy chããmête e muyto *compridamente*. **11** Ca *qual* cousa pode seer mays *perfeyta* ou mays alta. *que* *comprehêder* a memoria de *deus* por penssamêto tam abreuiado. **12** e em reuoluymêto de hũu uessõ muy *pequetinho*. trespassar os *termhos* de todas as cousas *que* sse uẽẽ. e çarrar em algũa maneira os desejos de todas as orações em hũa pallaura

/35d/ **1** diuinal prouidencia. ou o *que* nos furta o ãmijgo cõ seus ãganos. ou o *que* menoscabamos. por nossa uluidança. E o *que* nos uem da fraqueza humanal. e os enganos ã *que* caemos por mingua de saber. **2** Ca todos estes entendimêtos acharemos *scriptos* ã nos psalmos. por *que* conhoçamos mais afficadamête todas as cousas *que* uierem. Assy como quẽ as uee ã antes ã hũu espelho muy claro **3** E assi ensinados por desejos de *meestria*. apalparemos aquellas cousas Nom assy como ouujdas. mas assy como uistas. E parti las emos do desejo dentro no coração. **4** Nom assy como acomêdadas aa memoria. mas assy como enxeridas ã na natura das cousas. por *que* trespassemos os sisos dellas. nõ por texto de liçom. mas por *proua* ante uijda. **5** E entonce sã duujda uÿra a nossa uõõtade a ãtegridade de *aquella* oraçõ. da *qual* segundo *que* *deus* nos deu graça falamos em no trautado da outra colaçom. **6** a *qual* nõ tam solamente nõ se embarga por uista de nẽhũa ymagem. Mas nẽ se pode departir por uso de uoz nẽ de palauras. **7** E esta oraçõ se enuya cõ entençõ encêdida de uoontade e por sobrepoiamêto /36a/ de coração *que* se nom pode falar. e cõ *conprida* alegria de *spiritu*. **8** E a uõontade *que* esta fora de todos os sisos e de todas as materias uesibeas. enuya a a *deus* cõ gimidos e cõ sospiros *que* se nõ podem cõtar

**9** **Capitollo. .xij. pergunta por que maneyra se podem reter<sup>8</sup> os pensamentos sprituaaes.**

**10** Bem entendemos disse jermano *que* nõ tã solamente a forma da *spiritual* disciplina *que* te demãdamos. mas toda a *perfeyçõ* as declarada muy chaamente e muy *cõpridamête*. **11** Ca *qual* cousa pode seer mais acabada ou mais alta. *que* *cõprehender* a memoria de *deus*. em penssamêto tam abreyado. **12** e ã reuoluimêto de hũu *uerso* trespassar os *termos* de todas as cousas uesibeas. e ãcerrar ã algũa maneira os desejos de todas as orações ã hũu sermõ breue **13** E porem rogamos te *que* nos

<sup>7</sup> acharemos ] *Primeiro terá sido escrito* achrem9 , tendo depois sido acrescentada a abreviatura de *ar* na entrelinha superior.

<sup>8</sup> reter ] *O dígrafo inicial foi acrescentado na entrelinha superior.*

breue. **13** E porẽ rogamos te *que* nos declares hũa cousa *que* fica ajnda. **14** Em *que* maneira poderemos reteer estauelmente esse meesmo uessozinho *que* nos deste em logar de forma. Por *que* assy como *per* a graça de *deus* somos

/1c/ liures das uilez[...] [...]enssamẽtos segraaes. assy po[...]os firmemente teer as *spirituaes*.

### **15 Capitollo .xiiijº. do mouymẽto dos pensamentos.**

**16** Porque quando a nossa uõõtade conceber ho *capitollo* de *qualquer* salmo. *quando* nõ sse *percata* acha sse reuolta enno texto de outra *scriptura*. **17** E nõ sabe *quando* *perdeo* ho *primeyro*. e marauilha sse. E *quando* começar em *aquel* antre ssy meesma. ante *que* o aja acabado. nasce memoria de outro testemunho. e lança fora ho penssamẽto da *primeira* materia. **18** E tãbem desta passa sse a *outra* por outro penssamẽto que ueo nouo. Por esta razom anda sempre ho coraçõ rodando de salmo em salmo. E do texto do euãgelho. salta aa liçõ do *apostolo*. e desta uolue sse aas *pallauras* dos *prophetas*. **19** e dally uay sse a hũas *estoryas spirituaes*. e lança sse *per* todo o corpo das *escripturas* assy como uaga e nõ estauel. **20** Ca nõ pode *per* seu aruydro teer nẽ hũa. nem lança lla. nẽ deffender. nem deffijr nẽ hũa *cousa* *per* juizo *perfeyto* nẽ *per* nẽ hũa *examinaçom*. **21** e assy faze sse palpador dos entendimẽtos *spirituaes*. e gostador. /1d/ mays nõ geerador. nẽ te[...]

**22** [...] por esta guysa a uõõtad[...]uybil e uagabunda. des[...] *cousas* dessemelhaues[...] beuoda em tempo das o[...]cas. assy *que* nom paga [...] nẽ huũ offiçio. **23** Quan[...]bra lhe a liçom. *quando* re[...] pensa algũa *cousa* ou[...] contem enno texto de [...]. **24** Quando reza a liçom [...] a algũa *cousa* *outra* [...] ou lhe nembra *outra* [...]. **25** E por esta maneira [...] da nẽ hũa *cousa* con []trina nẽ como *deue*. [...] *que* a *guyam* *cousas* de [...] **26** no p ha poder de rete[...] *quellas* *cousas* em *que* sse [...] tardar em ellas. [...] **27** [...] muyto nos he mester s[...] as *cousas*. sabermos [...]ra poderemos *comprir* [...] estes offiçios *spirituaes* [...] estauelmẽte este ue[...] em logar de forma.

declares huã *cousa que* fica aynda. **14** Em *que* maneira poderemos reteer estauilmente esse meesmo *uerso que* nos deste em lugar de forma por *que* assy como por a *graça* de *deus* somos

somos liurados das torpidades. e *cousas* sem *proueito*. das *cuydações sagraaes*. assy possamos reteer firmemẽte as *spirituaes*.

### **15 Capitollo .xiiij. do mouimẽto dos pẽsamẽtos.**

/36b/ **16** Quando a nossa uoontade conceber o *capitollo* de *qualquer* salmo. *quando* nõ cata achasse reuolta ã no texto de outra *scriptura*. **17** E nõ sabe *quando* *perdeo* a *primeira* e marauilha sse. E quãdo começar a pensar ã *aquel* antre ssy meesma ante *que* o aja acabado. nasce memoria de outro testemunho. e deita da uõõtade o pensamento da *primeira* materia. **18** E tãbem desta passa sse a *outra* por outro penssamẽto *que* ueeo nouo. E por esta razom anda senpre o coraçõ roldando de psalmo a psalmo. do texto do euãgelho salta aa liçom do *apostollo*. e desta uolue sse aas *palauras* dos *prophetas*. **19** E de aly uay sse a hũas *storias spirituaes*. alança sse *per* todo o corpo das *scripturas*. assy como uago e nõ stauil. **20** Ca nõ pode por seu aluydro tẽer nem hũa *cousa*. nẽ deitar la. nẽ deffijr nẽ hũa *cousa*. por juizo acabado. nẽ por nẽ hũa *examinaçõ*. **21** e assy faze sse palpador dos *sisos spirituaes*. e gostador. mas nõ jeerador nẽ teedor. **22** E por esta maneira a uõõtade mouibel sempre he uaga. destrue sse por *cousas* de semelhauijs. assy como ueuua em *tempo* das *oras canonicas*. assy *que* nõ paga /36c/ como *deue* nẽ huũ offiçio. **23** Ca *quando* ora nembra sse algũa liçom. *quando* reza o psalmo. pensa algũa *cousa* *outra* sem *aquella que* se cõtẽ ã no texto de *aquela* psalmo **24** Quando reza a liçom uolue sse algũa *cousa* *outra que* tẽ de *fazer*. ou nembra *outra* *cousa que* aia feita. **25** E por esta maneyra nõ rescebe nẽ da *cousa* nẽ hũa cõ *dereita* *disciplina* nẽ como cõuem. e semelha *que* o *guyam* *casos* de *uentura*. **26** Ca nõ ha poder de reteer cõsigo *aquelas* *cousas* em *que* se deleita. nẽ demorar em ellas **27** E porende muyto nos he mester

<p><b>28</b> [,,]çimêtos de todos os [...] termos desses meesm[...]ram por seu rodamen[...]quem sempre quedos [...]</p>	<p>sobre todas as cousas. saber por qual maneira poderemos conprir aproueitosamête estes officios spirituaaes. e guardar stauilmente este uerso que nos deste em lugar de forma. <b>28</b> Por que os nacimêtos de todos os sisos e os termos de esses meesmos nõ se descorram por seu uoluimêto. mas fiquẽ em no nosso senhorio.</p>
---	---

Visto o texto de acordo com os dois testemunhos, prosseguimos com um breve comentário acerca da variação textual neles observável. No comentário, designamos *A* o testemunho Alc. 386, cujo texto está transcrito na coluna da direita, e ao outro manuscrito, transcrito à esquerda, chamamos *B* (referente a Belém, zona de Lisboa onde fica situado o Museu Nacional de Arqueologia), recorrendo ainda à abreviatura cl. para a referências às cláusulas. A variação que abordamos enquadra-se em dois tipos de fenómeno: lapsos de transcrição e marcas possíveis de diferentes programas de elaboração da versão portuguesa das *Colações*.

Dada a condição fragmentária de *B*, é impertinente fazer observações sobre a maior ou menor fiabilidade global da transmissão assegurada por este códice. Em contrapartida, podem identificar-se hesitações e alguns lapsos menores nos dois testemunhos. Assim, por exemplo, na cl. 4, *B* apresenta «naturareza», erro evidente que denuncia a opção por «natureza», depois de talvez ter sido considerada a opção «natura», aliás a lição que consta de *A*. Por sua vez, na cl. 7, embora o traçado da palavra em questão não seja totalmente claro, *B* parece incorrer numa confusão banal c/t, transmitindo a lição «entendida», quando *A* contém



«encêdida», em conformidade com o texto latino («*ignita*»). Na cl. 20, é possível que em *B* se tenha introduzido equivocadamente «nẽ defender», desvio compensado pela inserção imediata de «nem deffijr». Em relação à cl. 8, *B* conterà um lapso gráfico simples na forma verbal do passo «E a vōõtade *que* este fora» («este» em vez de «esta», quer dizer, a terceira pessoa do singular do verbo «estar», como presente em *A*). Entretanto, *A* também não se mostra imune a erros: na cl. 17, encontra-se «a primeira», quando se esperaria, como em *B*, «ho primeyro», referente a um capítulo de qualquer salmo (a mudança inadvertida de género pode ter sido ocasionada pela antecedência próxima de «outra *scriptura*»). De modo aparentado, enquanto na cl. 22 *B* fornece a lição correcta «beuoda» (i.e., ‘bêbeda’, de acordo com o que comparece no texto latino, «*ebria*»), o testemunho *A*, por não ter reproduzido a letra *d*, apresenta a lição impossível «ueuu».

Em matéria de transmissão, veja-se também que alguns lapsos terão sido advertidos, tanto em *A* como em *B*. Neste último a cl. 26 contém a lição «no p ha poder», notando-se a falta do sinal de nasalidade na primeira palavra (devido a esquecimento original ou a perda de tinta?) e um *p* isolado que seria admissivelmente uma antecipação do substantivo situado no fim deste segmento. Já na cl. 9, o copista de *A* registou primeiro «teer», tendo a revisão incluído depois o prefixo que transformou aquela palavra em «reteer».

Além destes fenómenos de transmissão hesitante ou errada, há marcas que remetem para diferentes programas de elaboração da versão portuguesa. Na maior parte dos casos, a impressão dada por *B* é a de produzir um texto mais moderno, mais corrente e às vezes mais simples, quer dizer, segundo uma comparação superficial das opções, *A* parece apresentar soluções que hoje têm um aspecto mais arcaico ou menos comum ou até mais sofisticado. Observemos uma lista destas diferenças (*A* primeiro, *B* depois), sem comentário: menoscabamos/leixamos (cl.1); uluidança/es[...]o (certamente, «esquecimento», cl.1); sisos/senty[...] (com certeza, «sentidos», lat. «*sensus*», cl. 4; cf. também cl. 8, 21); departir/dizer (lat. «*distinguitur*», cl. 6); as declarada/declaraste (pretérito perfeito composto vs. simples, cl. 10); *sermõ*/pallaura (lat. «*sermone*», cl. 12); fiquẽ em no nosso senhorio/[...]quem sempre quedos (lat. «*in nostra dicione consistant*», cl.28). As características atribuídas à versão *B* estão de acordo com o que a BITAGAP regista a propósito da cronologia: *A* terá sido copiado por Fr. Nicolau Vieira entre 1431 e 1446, admitindo-se como termos *a quo* e *ad quem* para a transcrição de *B* os anos de 1436 e 1450, ou seja, proximidade deste último, mas posterioridade, em relação ao manuscrito alcobacense.

Os casos de variação antes listados devem ser lidos à luz de uma estrutura sintáctica globalmente partilhada pelas duas versões. É mesmo esta sintaxe comum que permite a

identificação rápida da variação, sobretudo de índole lexical. A partilha da estrutura sintáctica, que parece não resultar de poligénese, sugere a hipótese (numa medida difícil de precisar por causa do estatuto fragmentário de *B*) de *A* poder ter sido usado para a escrita de *B*. Por outras palavras, não é forçoso que o responsável por *B* tenha tido acesso ao texto latino para produzir a maior parte das lições que lhe são próprias, o que permitiria encarar o texto transmitido pelo fragmento do Museu Nacional de Arqueologia como uma espécie de actualização preparada maioritariamente com base em *A*. Não pensamos que esta interpretação seja beliscada pelo que se encontra na cl. 11, onde a lição de *B* («mais perfeita») está aparentemente mais próxima do texto latino («*perfectius*») do que a lição de *A* («mais acabada»); na cl. 20 *B* continuará a preferir «*perfeyto*» e *A* «acabado», nesta ocasião dando as *Collationes* «*pleno*». Parece-nos possível que estas instâncias de variação procedam de opções estilísticas que em *B* não precisam de ser introduzidas por causa do conhecimento do texto latino.

Se esta interpretação merecer crédito, o comportamento do responsável pela versão de *B* está sintonizado com a margem de manobra reconhecida por Borges Nunes ao copista medieval:

Atentemos agora nos *critérios da cópia*. São os critérios usados durante toda a Idade Média: fidelidade aos conteúdos, liberdade adaptadora (aos usos da época e do copista) quanto à forma. Por “forma” entenda-se a grafia, a ortografia e, em parte, a gramática; que eram, naturalmente, “modernizadas”. Frequentes vezes, porém, os copistas do nosso códice (se não já os do códice-matriz antes deles) alteraram a própria sintaxe e ordenação dos elementos na frase. E em certos passos, sobretudo na parte inicial do códice, resvalaram para verdadeiras refundições da redacção, com recurso a resumos, explicações, inserções e cortes. (NUNES 1988: XXXI)

A experiência de Borges Nunes, derivada do convívio prolongado com documentos de diferentes tipologias e de distintos períodos da Idade Média portuguesa, permitiu-lhe traçar este retrato tão diferente do comportamento mecânico que muitas vezes é atribuído ao escriba medieval. Se a variação textual antes apresentada puder ser vista sob o ângulo de uma actualização genérica feita em *B* a partir do que se encontra em *A*, quase todas as operações que lhe estão subjacentes podem ser enquadradas pela lata esfera de acção do copista medieval, segundo as palavras de Borges Nunes. Dizemos «quase» porque, a título excepcional, dois casos parecem exigir que o responsável por *B* tenha consultado o texto latino. Um deles diz respeito a questões de transmissão, o outro à produção da versão portuguesa. Do primeiro já falámos atrás, quando referimos o engano de *A* ao registar «*ueuuu*» por «*ebria*», sendo talvez difícil a quem não conheça o texto de Cassiano extrair «*beuoda*», que é a lição de *B*, a partir de «*ueuuu*». O outro caso consiste numa única situação, embora com duas ocorrências: na cl. 12, deparamos com a palavra «*uerso*» em *A*, enquanto

de *B* consta a formulação expressiva «uesso muy pequetinho», numa colagem tão próxima ao latim «*uersiculi*» que sugere ter havido recurso ao texto original de Cassiano. Fenómeno semelhante é o que observamos na cl.14, onde a «*uerso*», em *A*, corresponde «*uessozinho*» em *B*, estando no texto de Cassiano «*uersiculum*». Por outras palavras, é talvez pouco plausível que de «*uerso*» o responsável por *B* pudesse derivar aquelas expressivas lições sem outra consulta. Tudo somado, embora não estejamos em condições de expressar a hipótese seguinte de maneira categórica, admitimos que a versão *B* resulte de uma adaptação do texto de *A* com possível consulta pontual de um testemunho latino das *Collationes*.

Que consequências podem ser extraídas do que antes apresentámos para o trabalho editorial? Se se aplicar o princípio convencional de que, na ausência de autógrafos, interessa adoptar para a constituição do texto o testemunho que esteja mais próximo cronologicamente do seu autor (o mesmo podendo ser válido para o tradutor), a data atribuível a cada uma destas versões sugere que se deva eleger o texto do Alc. 386 para este papel. No entanto, independentemente da advertência de Giorgio Pasquali segundo o qual *recentiores, non deteriores* [Pasquali 1988: 41-108] – e, como vimos, nenhuma das versões tomadas em consideração está isenta de erros – parece impor-se uma verificação maior: a de que, estando nós na presença de *duas* versões, não devem elas ser reduzidas a *um único* texto, acompanhado por um aparato que registre os lugares de variação. Assim, *A* e *B* dão corpo a duas intenções nitidamente diferenciadas de dar a conhecer a obra de Cassiano e com probabilidade dirigem-se a distintas comunidades de leitores, tendo por isso uma dignidade equivalente [Zeller 1975]. É cada vez mais perceptível que os grandes autores não são aqueles cujas obras são servidas por uma estratégia editorial unívoca, mas, pelo contrário, aqueles cujas obras, interessando a públicos heterogéneos, são abordadas por meio de programas editoriais também eles diferentes. Neste sentido, e por analogia, as observações conclusivas do presente artigo sinalizam a grandeza de Cassiano no séc. XV em Portugal.

#### Referências bibliográficas

ASKINS, Arthur L-F. *et al. Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*. [https://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap\\_po.html](https://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html) , acesso: 30.11.2020

CASSIANUS. *Collationes*. Edidit Michael Petschenig, edition altera supplementis aucta curante Gottfried Kreuz, Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004.

CASTRO, Ivo (coordenação). Oficina de Edições. <https://oficinamssbento.wordpress.com/> , acesso: 30.11.2020

- DIONÍSIO, João. *D. Duarte, leitor de Cassiano*. Lisboa: FLUL (tese de doutoramento), 2000
- DIONÍSIO, João. «A visita das fontes: testemunhos, traduções, história da língua», *Românica* 20, 2011, p. 43-56.
- NUNES, Eduardo Borges. «Nota prévia de codicologia e textologia», *Ordenações del-rei D. Duarte*. Edição preparada por Martim de Albuquerque e E. B. Nunes, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p. XXVII-XXXIII.
- PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1988.
- RICO, Maria João Toscano. *Recepção de João Cassiano e reflexos na formação da linguagem literária portuguesa : edição crítica do estabelecimento dos mosteiros de João Cassiano : (MS., Lisboa, BN, ALC. 384)*. Lisboa: FLUL (tese de doutoramento), 2011 <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4634> acesso: 30.11.2020
- SOBRAL, Cristina (coordenação). *Corpus de Textos Antigos em português até 1525*. <http://teitok.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=home> , acesso: 30.11.2020
- ZELLER, Hans. «A new approach to the critical constitution of literary texts». *Studies in Bibliography* 28, ed. Fredson Bowers, 1975, p. 231-264.